

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
Escola de Belas Artes – EBA/ UFMG  
Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes  
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias  
Contemporâneas - CEEAV

Thais Martins Costa

**O MUSEU COMO ESPAÇO DE MEDIAÇÃO NA JUVENTUDE**

**afetos e reflexões**

Polo Contagem  
2020

Thais Martins Costa

## **O MUSEU COMO ESPAÇO DE MEDIAÇÃO NA JUVENTUDE**

### **afetos e reflexões**

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Orientador(a): Mirele Castanheira Brant

Contagem

2020

Costa, Thais Martins.

O Museu como espaço de mediação na juventude: afetos e reflexões/Thais Martins Costa. – 2020.

45 f., enc

Orientador(a): Mirele Castanheira Brant

Monografia (especialização) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes.

Referências: f. 42-43

1. Artes visuais – Especialização. 2. Estudo e ensino – Especialização. I. Título. II. Brant, Mirele Castanheira. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes.

CDD: 707



Nome: **THAIS MARTINS COSTA**

**O MUSEU COMO ESPAÇO DE MEDIAÇÃO NA JUVENTUDE: AFETOS E REFLEXÕES.**

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Pelas condições da Banca Examinadora a aluna foi considerada: **APROVADA.**

Professora Mirele Castanheira Brant – Orientadora - CEEAV/ EBA/ UFMG

Professora Nelía Marcelina Barbosa – Membro da Banca Examinadora

Profa. Patrícia de Paula Pereira  
Coordenadora do Curso de Especialização em Ensino de Artes  
Visuais e Tecnologias Contemporâneas - CEEAV  
Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes  
Escola de Belas Artes/ EBA – UFMG

Belo Horizonte, 1º de março de 2020

## Resumo

A pesquisa trata do Museu enquanto um espaço de mediação aos jovens a partir de afetos e reflexões. Por meio da Abordagem Triangular, sistematizada por Ana Mae Barbosa, procura discorrer sobre práticas de mediação dentro dos museus. A pesquisa aborda principalmente o trabalho com a arte-educação nos museus de história, contemplando o Museu de Artes e Ofícios como espaço de construção de conhecimentos. Autores como; Barbosa (2004; 2009) e Coutinho (2009) tratam da mediação e de leitura da imagem, Dewey (2010) a questão da arte como experiência e Ramos (2004) a arte-educação nos museus de história. Rocha (2012) é lembrado ao discorrer sobre a aproximação da arte com a vida e Braga (2018) a ideia de que o museu é um espaço que está em processo. A pesquisadora Silva (2012) conduz argumentos sobre a mediação como ação sociológica, contemplando o trabalho com jovens vistos como seres históricos-sociais e sujeitos ativos que trazem conhecimentos e histórias. O museu é visto na pesquisa como espaço de construção de saberes, onde o jovem pode refletir e se expressar.

Palavras-chave: museu; mediação; público jovem; arte-educação.

## **Abstract**

The research deals with the Museum as a space of mediation for young people from affections and reflections. Through the Triangular Approach, systematized by Ana Mae Barbosa, the aim is to discuss mediation practices within museums. The research deals mainly with the work with art-education in history museums, contemplating the Museum of Arts and Trades as a space for the construction of knowledge. Authors such as; Barbosa (2004; 2009) and Coutinho (2009) deal with mediation and image reading, Dewey (2010) the question of art as experience and Ramos (2004) the art-education in history museums. Rocha (2012) is reminded when discussing the approximation of art with life and Braga (2018), the idea that the museum is a space that is in process. Researcher Silva (2012), conducts arguments about mediation as a sociological action, contemplating the work with young people seen as historical-social beings and active subjects who bring knowledge and history. The museum is seen in research as a space for the construction of knowledge, where young people can reflect and express themselves.

Keywords: museum; mediation; young audience; art-education.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Conjunto de ferramentas séc.XIX/XX.....	30
Figura 2: Moringa.....	31
Figura 3: Tear.....	31
Figura 4: Carranca séc.XX.....	32
Figura 5: Carranca séc.XIX/XX.....	32
Figura 6: Oratório bala séc.XVIII/XIX.....	33
Figura 7:Torneira e Escorredor de pratos. Séc.XIX/XX.....	34
Figura 8: Botica.....	35
Figura 9: Ofícios da mineração e garimpo.....	36

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>2.ARTE-EDUCAÇÃO EM CONTEXTO MUSEAL .....</b>	<b>11</b>
2.1 Arte-Educação e Museu .....	12
2.2 Os jovens em espaços museais.....	14
2.3 O museu como espaço humanizador na juventude.....	16
<b>3.MEDIAÇÃO MUSEAL.....</b>	<b>20</b>
3.1 Mediação museal com o público jovem.....	22
3.2 A cultura jovem vai ao museu .....	24
3.3 Afetos e reflexões.....	26
<b>4.O MUSEU DE ARTES E OFÍCIOS ENQUANTO CONTEXTO DE ENSINO DE ARTES .....</b>	<b>28</b>
4.1 O conceito de Arte no Museu de Artes e Ofícios.....	32
4.2 Relações entre o acervo e o público jovem.....	35
4.3 Arte-Educação em um museu de história.....	38
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>40</b>
<b>6. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>42</b>
<b>7. ANEXO.....</b>	<b>44</b>
7.1 Autorização do uso de nome da instituição.....	44
7.2 Autorização do uso de imagem.....	45

## 1. INTRODUÇÃO

O tema de pesquisa desta monografia é *“O Museu como espaço de mediação na juventude: afetos e reflexões”*. O estudo foi desenvolvido tendo os jovens como foco e considerando o Museu como um espaço de construção de conhecimentos e saberes a partir da Arte-educação e da mediação museológica.

A pesquisa abrange autores como Ana Mae Barbosa, sistematizadora da Abordagem Triangular no ensino de Arte no Brasil. Também recorre a Rejane Galvão Coutinho, que em parceria com Barbosa, publicou o livro *“Arte/Educação como Mediação Cultural e Social”* (2009), no qual apresentam textos de vários estudiosos da área como Maria Helena Wagner Rossi, Pio de Souza Santana, Susana Gomes da Silva e Carla Padró.

A escolha do tema parte da minha experiência como mediadora no Museu de Artes e Ofícios (MAO), espaço no qual convivo diariamente com diversos tipos de público. Percebo os jovens como os mais desafiadores, pois o percurso no espaço museológico corresponde ao tempo em que vivem hoje: dinâmico. Mesmo influenciados pela rapidez das redes sociais e outros meios digitais, eles olham atentamente os objetos e refletem sobre o contexto no qual estão inseridos em um momento de apreciação. No MAO, os jovens vivem a experiência de visitar um passado vivido pelos pais, avós e seus ancestrais. Eles costumam contar memórias e experiências durante a mediação, tornando o momento rico em trocas.

O ensino de arte contribui para que tenhamos um contato mais profundo com os detalhes do mundo e do que está perto de cada um: seja o lugar onde vivem, os espaços que frequentam, ou simples visões que podem experienciar como os tons das cores do dia, as diferentes nuances das calçadas, as imagens escritas nos muros, dentre tantas linguagens que estão ao nosso redor querendo nos comunicar algo. A arte nos possibilita momentos de apreciação e trabalha a sensibilidade do ser, essenciais na nossa construção enquanto seres históricos-sociais.

Nesta pesquisa, o Museu é visto como espaço humanizador, permitindo a apreciação e reflexão sobre os objetos e temas envolvidos. No Museu de Artes e Ofícios, é frequente a relação do acervo com memórias afetivas dos visitantes, assim como reflexões que passam por abordagens mais críticas.

No primeiro capítulo, *“Arte-educação em contexto museal”*, abordo a importância da arte e dos museus na sociedade, a partir da perspectiva dos autores Ana Mae Barbosa (2004; 2009) e John Dewey (2010). Neste primeiro momento ainda são abordados autores como Carla Padró (2009) ao tratar da educação museal; Lima (2009), com a questão do olhar na atual sociedade; Rejane Galvão Coutinho (2009) sobre a arte-educação em museus; Fayga Ostrower (1983) e seu conceito de criatividade relacionado a processos e não ao resultado final; além também de Silva (2012) e as narrativas no espaço museológico.

O segundo capítulo trata da Mediação e seus conceitos, a partir de autores como Silva (2012), Mikel Asenio (2007) e Elena Pol (2007), Grinspum (2014), Celso Vitelli (2018), Chagas (2010), Rejane Galvão Coutinho (2009), Rosana Fachel de Medeiros (2016), Ramos (2004), Irene Tourinho (2009) e Jezulino Braga (2018).

O Museu de Artes e Ofícios (MAO) é apresentado no terceiro capítulo, tratando-se de um museu de história em Belo Horizonte que em seu acervo guarda objetos utilizados por trabalhadoras e trabalhadores no século XVIII, XIX e XX. Os autores trabalhados são; Tomasi (2019) sobre o MAO e os conceitos de Arte; John Dewey (2010) e a arte como experiência; Figueiredo (2007) sobre as experiências que o visitante pode experimentar dentro de um Museu; e finalmente discorro sobre a questão da arte-educação em museus de história, a partir do autor Ramos (2004).

## CAPITULO 1 Arte-Educação em contexto museal

A Arte está presente na vida de cada pessoa, de acordo com o contexto social em que cada um vive. A produção artística pode ser um retrato da sociedade registrando os aspectos intuitivos, psíquicos, sensíveis e sociais do ser humano. Para Barbosa (2009), “a arte, como uma linguagem aguçadora de sentidos, transmite significados que não podem ser transmitidos por nenhum outro tipo de linguagem, como a discursiva e a científica” (pag.21). Por meio da vivência em Arte, é possível construir conhecimentos em que o ser é fundamental, quando através do que vê e experimenta, expõe sentidos e ideias.

Para que a produção de arte seja vista e apreciada, é preciso que existam espaços nos quais as pessoas possam vê-la; os museus suprem parte desta necessidade. No entanto, ainda é necessário ampliar o acesso do público aos museus, principalmente as classes populares, que ainda encontram obstáculos como, falta de transporte e de recurso; além do receio de frequentarem um espaço que, em alguns casos, não sabem que podem se apropriar e usufruir do mesmo. Quanto aos jovens, é por meio das escolas em passeios, que participam das visitas mediadas.

Em seu livro, *Arte como Experiência*, John Dewey (2010) relata que os museus são lugares para receber as obras de arte, sendo responsáveis por separá-las da vida comum (pag. 67). Os espaços museais são um convite para enxergar. E ainda que os objetos estejam distantes da vida, são possibilidades para que possamos olhar com um novo sentido. Esse deslocamento, do lugar comum para um Museu, é algo que nos convida a apreciação.

Para Barbosa (2004) os museus seriam “[...]verdadeiros palácios que se constroem para guardar e revelar o acervo artístico que se dispõe a humanidade” (pag.12), Para Rocha (2012); “só entende o valor simbólico agregado ao objeto artístico quem se sente familiarizado com aquele bem cultural” (pag. 89). Considero importante refletir sobre o que leva as pessoas a visitarem um Museu.

De acordo com Ana Mae Barbosa; “uma sociedade só é artisticamente desenvolvida quando ao lado de uma produção artística de alta qualidade há também uma alta capacidade de entendimento desta produção pelo público” (2004, p. 13). Rossi (2009), ao escrever sobre o desenvolvimento do pensamento estético,

diz que “[...]a construção do conhecimento se dá quando as coisas fazem sentido para o sujeito” (pag. 291).

## **2.1 Arte-Educação e Museu**

No que se refere à educação, Padró (2009) ressalta a importância de pensarmos diferentes museologias para obtermos resultados positivos nesse contexto. Se considerarmos a relação Museu/Educação, abordaremos a museologia de uma maneira mais crítica, valorizando outras ideias e culturas. Isso diz respeito a enxergar além, para que a educação museal consiga atingir mais pessoas. Os museus devem trabalhar a Educação para novas maneiras de tocar o público.

Devemos pensar o Museu como um lugar de apreciação e construção de conhecimento, funcionando como laboratórios nos quais as ideias se realizam. Para que essa construção de fato se desenvolva, é preciso que os educadores planejem práticas, oficinas e outros momentos nos quais os estudantes possam experienciar amplamente o que viram (BARBOSA, 2009).

Através da Arte-Educação, é possível trabalhar com o olhar e o sentir – sentir para conhecer. Estamos cercados de imagens, e pensar sobre elas é imprescindível para que possamos vê-las de novas maneiras.

Nunca a questão do olhar esteve tão no centro do debate da cultura e da sociedade contemporânea. Um mundo onde tudo é produzido para ser visto, onde tudo se mostra ao olhar, coloca necessariamente o ver como um problema. Vivemos no universo da sobreposição, saturados de clichês, onde a banalização e a descartabilidade das coisas e da imagem foram levadas ao extremo. É o que poderíamos reduzir ao termo “sociedade do espetáculo”. Como olhar quando tudo ficou indistinguível, quando tudo parece a mesma coisa? O olhar se coloca, assim, como sensorialidade da experiência que pode estar mais adormecida porque vivemos em uma sociedade da imagem, da velocidade e da produção do real. (LIMA, 2009, p. 146)

A Arte-Educação nos museus permite uma aproximação entre o acervo e os visitantes, para que os sentidos possam ser percebidos. Tratar a Arte-Educação no contexto museal exige um debate diferente das abordagens sobre o ensino de arte nas escolas. No Museu, as possibilidades de ensino se ampliam na medida em

que os alunos podem se deslocar pelo espaço e apreciar as obras fora dos livros, em um lugar designado para elas.

O ensino de Arte dentro dos Museus contribui em muitos aspectos para uma educação visual e sensível. A Arte-Educação dentro do contexto museal é uma oportunidade para que possamos pensar sobre as imagens que vemos. Trata-se de experiências com todos os sentidos além da visão, existindo uma mediação humanizadora para que se torne possível o surgimento de novas reflexões. O processo de educação em arte nos museus é efetivo quando criamos novas maneiras de relacionar com o acervo.

Trabalhar a arte-educação nas instituições museais implica em pesquisa, para conhecer novas abordagens e meios utilizados em diferentes espaços. O trabalho com a arte-educação vai além, pois traz envolvimento reflexivo com o espaço, no sentido de criação de práticas que aproximem o visitante do acerto trabalhando com a apreciação, fruição, produção, dentre outros aspectos que podem surgir envolvendo a cognição e sensibilidade.

Outro aspecto fundamental na prática da arte-educação museal é o envolvimento com as diferentes realidades, procurando saber o contexto e o que pode estimulá-los. É um processo que possibilita trabalhar de maneira que torne a experiência mais significativa para as pessoas.

O trabalho com a arte-educação em museus se engaja em uma prática construtivista e os professores colaboradores dessa concepção que levam seus alunos, entendem que esses espaços são parceiros, auxiliando em uma educação que forma sujeitos mais ativos (COUTINHO, 2009).

A Abordagem Triangular pode ser aplicada na arte-educação nos Museus, abrindo possibilidades para que o público possa conhecer o museu de uma maneira que amplie a fala e a escuta. A proposta, criada por Ana Mae Barbosa, compõe-se em contextualização histórica, fazer artístico e apreciação, o que implica em ler as imagens, contextualizá-las e produzir trabalhos. A Arte-Educação permite a percepção através da estética, gerando novas reflexões. Para Coutinho (2009), em texto publicado no livro “Arte/Educação como mediação Cultural e Social”,

A Abordagem Triangular, elaborada no contexto de um museu [...] propõe que o currículo escolar articule as dimensões da leitura das produções do campo da arte, sua produção e contextualização. É uma proposta flexível que não envolve uma hierarquia entre as três

dimensões, deixando a cargo do educador a construção do seu método de ensino. (COUTINHO, 2009, p. 173)

Quando as escolas trabalham com a arte-educação baseada na Abordagem Triangular, os educadores podem criar suas maneiras de ensinar e de mediar. Levar os alunos aos museus e espaços culturais pode ser um dos métodos. Dentro desses espaços, o trabalho com os jovens ganhará outras dimensões e visões.

## **2.2 Os jovens em espaços museais**

No contexto educacional, a adolescência é considerada a fase em que se começa a preparar os jovens para o vestibular ou para a vida profissional. Assim, a educação nessa idade possui uma metodologia mais técnica. É preciso tomar muito cuidado para que não deixemos de trabalhar também com a criatividade e a sensibilidade, que são fundamentais na construção de um ser humano.

Vale ressaltar, que a palavra criatividade é tratada aqui não apenas no sentido artístico, mas como um conceito que está intimamente ligado a vida em diferentes aspectos. Para Fayga Ostrower (1983), a sociedade exige que o jovem seja criativo e que mostre resultados e faça escolhas tão importantes como a profissão, ainda que o indivíduo tenha muito ainda que experienciar. A ênfase no que se refere à obrigatoriedade do adolescente de tomar decisões acaba deixando de lado o processo, e pensando apenas nos resultados. Por isso, ao falarmos de trabalhar a criatividade do adolescente, devemos lidar com uma série de processos criativos em constante desenvolvimento.

Os jovens vivem em um tempo, no qual suas vidas são construídas a partir das concepções e fatos histórico-sociais de agora. O que eles escutam, lêem e apreciam está relacionado com o presente. Ao visitarem um Museu, podem conhecer um pouco sobre o passado para refletir sobre as questões estéticas e sociais hoje. Além disso, ao frequentarem estes espaços, é possível que estabeleçam uma nova visão acerca dos objetos com os quais convivem no cotidiano, permitindo olhar para o que ainda não viram. Esse olhar é importantíssimo para uma educação em Artes Visuais e quando se identificam com o acervo, sentem-se mais à vontade dentro do Museu.

O olhar do adolescente no Museu pode despertar consciências sobre o espaço e sobre si mesmo, quando ele se identifica ou reflete sobre o que vê. Até mesmo a personalidade está diretamente conectada a este olhar. Para Ostrower (1983) “o desenvolvimento da personalidade se dá dentro de um contexto social, a partir dos meios e dos propósitos da sociedade. A criatividade se exerce nessas possibilidades culturais e delas recolhe as formas concretas expressivas” (pag. 140). Quando o jovem pode olhar para as coisas, ele participa delas. Os museus são espaços onde os jovens podem olhar para outras possibilidades culturais e também para a sua própria realidade, dependendo de como esses espaços trabalham para recebê-los. É preciso entrosamento com a linguagem e o tempo em que vivem, para assim, o museu se conectar com esse público.

Os museus apresentam muitas narrativas e elas são recriadas com os olhares dos visitantes, que vão interpretá-las ou narrá-las por meio de sua própria visão. Nesse contexto, os jovens sentem-se livres para contarem suas próprias histórias, tornando-se então, parte do Museu. Silva (2009) considera que a construção de saberes, trata-se de um processo que começa muito antes do jovem chegar ao museu, sendo a visita uma continuidade no caminho da percepção de conhecimentos e sensibilização do olhar.

[...] reconhecer que os sujeitos são autônomos em sua construção de conhecimento implica deixar de perceber o museu como fonte única de saber num sistema transmissivo e unilinear, em que o emissor controla a totalidade da mensagem e o seu processo de apreensão, para integrá-lo num processo complexo, dinâmico, biunívoco (e indiossincrático!) de construção e negociação de saberes. (SILVA, 2009, p. 125)

Quando o Museu possibilita ao jovem o contato com Arte, abre espaço para que ele possa pensar nos símbolos e significados, podendo toca-lo profundamente. Fayga Ostrower (1983), escreve que; “as coisas aparentemente mais simples correspondem, na verdade, a um processo fundamental de dar forma aos fenômenos a partir de ordenações interiores específicas” (pag. 26). Ou seja, quando observamos algo, por mais simples que seja, damos forma ao que vemos. A educação em Arte trabalha com os sentidos, com o nosso ser criativo e também contribui com as necessidades do trabalho, pois, um jovem que vivencia a

apreciação, produção e fruição, está mais preparado para lidar com o mundo e com profissões que envolvem o olhar.

### **2.3 O Museu como espaço humanizador na juventude**

As produções artísticas registram a história do ser humano e permitem fazermos reflexões sobre o mundo e sobre nós mesmos por meio da apreciação. Perceber-se através do gesto do outro, é descobrir novos espaços no mundo: estes espaços são construídos quando somos afetados.

Se pretendemos uma educação não apenas intelectual, mas principalmente humanizadora, a necessidade da arte é ainda mais crucial para desenvolver a percepção e a imaginação, para captar a realidade circundante e desenvolver a capacidade criadora necessária à modificação desta realidade. (BARBOSA, 2004, Pag. 5)

As imagens na televisão e na internet bombardeiam os olhares e sem uma educação do olhar, os adolescentes podem consumir este bombardeio sem reflexão alguma. A Educação em Arte que trata das imagens de redes sociais e áudio visual, meios mais consumidos pelos jovens, em algum momento poderá leva-lós a refletir sobre o que consomem, fazendo seus olhares percorrerem lugares além do entretenimento. “A aproximação da arte com a vida é questão relevante e recorrente nas artes visuais. O museu pode atuar como um espaço de reflexão crítica” (ROCHA, 2012, pag. 89). Ir a um Museu e observar imagens, abre espaço para pensar sobre elas, fazendo refletir também a respeito daquelas consumidas diariamente.

Não devemos ignorar as maneiras como o público jovem olha para o mundo, tampouco desconsiderar os novos meios de comunicação e entretenimento que permeiam suas vidas. Devemos considerá-las e saber como trabalhar para agregar esses meios às novas metodologias de ensino em arte. As visitas ao museu são possibilidades de sair do comum e trabalhar outros aspectos da cultura visual. Por meio da produção em arte no Museu, é possível trabalhar com tecnologias interativas que se relacionam com o que é visto nas exposições. A fotografia e o vídeo são técnicas que podem ser utilizadas. O compartilhamento em redes sociais, quando pensado com determinado propósito, é um meio no qual o jovem pensa

sobre o que viu. Utilizando a linguagem das legendas nas imagens, ele ordena suas percepções e reflexões. Quando fotografa algo e posta nas redes sociais, age como um curador que observa qual é o lugar daquela imagem e como ele deseja que ela seja vista.

É importante para o jovem que ele se perceba como sujeito que pensa e que pode criar o seu próprio tempo. Quando os educadores estão com os adolescentes no Museu, é importante que os estimulem a “fazer perguntas que não se dirigem apenas à leitura da obra observada, mas ao entendimento da questão da arte” (BARBOSA, 2004, Pag. 20). A função da pergunta é levar a pensar, estimular associações e interpretações. Assim, o sujeito passa a fazer parte da construção da obra, que nunca está pronta, porque continua a partir do olhar de quem vê.

Para que a experiência do adolescente no Museu o afete, é preciso abrir espaço para que ele possa olhar o acervo e o espaço também sozinho, é importante ter um tempo sem a interferência do mediador. Segundo Carla Padró (2009), os visitantes possuem um papel muito importante nos museus, porque trazem consigo suas bagagens culturais, histórias e experiências, e isso contribui para que existam diferentes leituras do acervo.

Os mediadores que trabalham com educação museal precisam entender o lugar do outro, permitindo a condução do olhar. Assim, uma mediação humanizadora, além de permitir que o visitante escolha os seus caminhos no museu, também pode realizar um aprofundamento do olhar para as imagens. Isto nada mais é do que possibilitar ao adolescente que olhe além do que se vê logo de início.

O importante não é ensinar estética, história e crítica de arte, mas desenvolver a capacidade de formular hipóteses, julgar, justificar e contextualizar julgamentos acerca de imagens e de arte. Para isso usa-se conhecimentos de história, de estética e de crítica de arte. (BARBOSA, 2004, pag.64)

Enxergar-se nos objetos do acervo, faz com que o jovem queira voltar ao Museu e que sua experiência seja algo mais do que um dia de passeio com a escola. Quando os museus seduzem os visitantes, eles podem “[...]sentir a aproximação que a Arte tem com a vida e com o repertório de imagens que eles possuem”. (ROCHA, 2008, pag. 104)

O Museu como espaço humanizador é um lugar onde o visitante consegue se sentir afetado e acolhido, seja quando ele se encontra, se reconhece ou até mesmo

quando discorda e reflete. Quando os adolescentes vão a um Museu que trabalha com uma educação humanizadora, ele volta para casa como um ser que foi modificado de alguma maneira. Para Santana (2009), os professores ao possibilitarem a visita dos estudantes nos museus, marcam um momento muito importante na vida dos alunos. Dificilmente os jovens deixarão aquele espaço sem carregarem alguma reflexão.

Quando um museu e os educadores que trabalham na instituição enxergam o jovem como sujeito ativo, que tem opiniões e visões de mundo, estão contribuindo para que o indivíduo possa exercer seu lugar de fala e de expressão. Isto é feito trabalhando com um processo humanizador por meio das visitas mediadas ou possíveis atividades e oficinas.

Assim como os museus são importantes na formação artística, cultural, educativa, estética, sensível e social das pessoas, nós também temos muito o que compartilhar com essas instituições. É por meio da presença e do olhar do público que o acervo passa a ter sentido: o museu pode ser um espaço humanizador, assim como os visitantes podem torná-lo um espaço mais humano. Cada pessoa que visita o lugar, apreciando e refletindo, ressignifica a existência do museu. Então,

[...] podemos pensar o museu como processo e não como um produto, ou seja, para além de seu caráter institucional, de seus acervos e processos curatoriais (também essenciais ao museu), deve-se pensá-lo como fenômeno, em constante transformação nas relações que estabelece na sociedade. Nesse caminho, rompemos com a visão de um museu organizado para influenciar padrões culturais, sociais e estéticos, a partir do espetáculo e privilegiar um paradigma em que o sujeito possa partilhar com o museu a sua existência no mundo. (BRAGA, 2018, p.257)

Braga (2018) também escreve sobre como nos museus de história com suas narrativas visuais, as pessoas trabalham a consciência e nascem novas opiniões. Isso acontece por meio da leitura de imagens, seja através de obras de arte ou não, o trabalho com a arte-educação é essencial para uma leitura mais atenta em que os sujeitos reflitam, apreciem e tenham estímulos para desenvolver suas críticas a respeito do que viram. Trabalhar com a arte nesse sentido também contribui para uma educação humanizadora.

Os jovens que tem a oportunidade de participarem de uma educação museal construtivista, humanizadora, atenta e acolhedora em suas subjetividades, podem

chegar a se relacionar com o mundo a sua volta com um olhar diferente para as questões sensíveis. A arte-educação, além de trabalhar a educação do olhar, privilegia também os aspectos humanos.

## CAPÍTULO 2 - Mediação Museal

No contexto museal mediar é um ato de comunicar e possibilitar relações entre a pessoa e o objeto. De acordo com Silva (2012) “podemos entender, que a mediação também é uma ação sociológica, uma ação *na e para* a sociedade, *na e para* a cultura” (pag .3). Em seu artigo denominado “*Sociomuseologia, Mediação e Formação em Artes*”, a autora ainda menciona diferentes abordagens sobre a mediação:

A palavra mediação tem relação com vários focos: a mediação e seu significado etimológico (estar entre, no meio, mediar); a mediação como educação (ação educativa); a mediação como prática (em espaços culturais, museus, etc); a mediação que se originou com a crítica de arte do século XVIII (1753) e a mediação como conhecimento (como conteúdo na formação de professores de arte). (SILVA, 2012, p. 3)

A partir da ideia de mediação como ação sociológica, podemos entender que o papel dos mediadores no Museu vai além de mostrar os objetos e falar sobre os seus significados. É primordial que a mediação de um objeto seja o momento de levantar reflexões, fazer perguntas e pensar sobre a obra. Quando trabalhamos com a Arte-Educação, esse lugar de reflexão torna-se ainda mais amplo, possibilitando também um contato com a apreciação, fruição e um olhar mais sensível, que adentre mais do que as superfícies.

[...]de acordo com a Nova Museologia, o ensino da arte por meio da mediação educativa deveria valorizar o olhar, a fruição do espectador, e não a obra em si ou o lugar de sua importância como objeto especial dentro da história da arte. O foco da mediação deve ser o indivíduo e não o objeto, embora o objeto não deixe de ter a sua importância como produção cultural e artística. (SILVA, 2012, p. 9)

É importante dar espaço para que o visitante do museu aprecie as obras. Em um artigo publicado no *Seminário de Ação Educativa – Cultura e Educação: parceria que faz história*, Mikel Asenio e Elena Pol (2007) apontam que “A falsa ideia de que os objetos falam por si mesmos e de que a arte tem de deixar que se expresse e que chegue diretamente ao indivíduo deixa inermes os receptores” (p. 66). Ou seja, é de

suma importância trabalhar com a contextualização das obras para que de fato aconteça uma ação educativa.

Para Silva (2012), “no campo da arte, a palavra mediação tem várias origens e relaciona-se: ao papel dos museus na propagação da cultura; à atuação do crítico de arte [...], como mediador entre a obra e o público” (p.3). O museu não existe sozinho, e o espaço museológico precisa de outros fatores além do acervo e das galerias de exposição. É primordial a presença do público e de educadores, mediadores que estejam disponíveis para que as pessoas possam conversar sobre o que veem.

Para Grinspum (2014), a mediação museal é desenvolvida pelo setor educativo, organizando ações que se adequam a cada tipo de público. Alguns museus, além de oferecerem visitas mediadas e oficinas, também confeccionam materiais didáticos para os alunos ou professores, como subsidio a mais para melhor compreensão do espaço museal. A autora ressalta que,

[...] o mediador deve levar em conta o repertório prévio, a partir do qual o espectador constrói narrativas iniciais e hipóteses, para em seguida, por meio perguntas e respostas advindas dessa “conversa estética”, propiciar condições de visualização dos elementos constitutivos da obra, além de oferecer informações que não emergem da mera observação, mas que alteram os fluxos de interpretações possíveis para cada momento. (GRINSPUM, p. 275, 2014)

Essa conversa, que pode começar por meio de perguntas simples como a origem do acervo e do museu, características das peças, dentre outras questões, pode seguir também de maneira mais profunda, adentrando pelo contexto artístico e histórico em que aqueles objetos foram produzidos.

Além de contextualizar o acervo e o museu, pode-se criar situações para que o visitante questione e queira saber mais. Seja fazendo perguntas ou conversando sobre alguma peça que se relaciona com o que foi compartilhado na conversa. Um exemplo disso é quando algum visitante relata sua cidade ou estado de origem, e a partir dessa informação, é possível mostrar objetos que possuem relação com o lugar. A partir disso, criamos relações com o acervo, e o visitante percebe que sua história e pensamentos se relacionam naquele espaço.

O contato com as obras deve ser mais do que olhar para elas e pensar sobre como foram feitas ou qual o material utilizado. É preciso que através desse contato,

a pessoa que está apreciando possa ter reflexões e gerar questões a partir do objeto. A arte existe para os nossos olhos e também para pensarmos sobre o mundo ao nosso redor. O objeto artístico tem a capacidade de nos remeter a situações, tempos, lugares, pensamentos e emoções. A mediação museal existe para que se possa ter a intervenção entre pessoa e objeto, auxiliando a construção de pensamentos e reflexões sobre obra e público. Auxilia também, na construção de novo olhar, mais atento e sensível ao que se vê.

### **3.1 Mediação Museal com o Público Jovem**

Quando pensamos no público adolescente, o momento de apreciação e fruição é primordial para que ele levante suas questões e pense o objeto de acordo com os conhecimentos que traz consigo da vida e do lugar de onde veio. Os mediadores devem levantar reflexões e deixar que o adolescente fale. As galerias passam a ser também um espaço de construção de conhecimento, um lugar seguro onde podemos enxergar, apreciar e ver as coisas do mundo. Porém, o tempo é diferente, pois o tempo da apreciação não é contado em números – ele é qualitativo e torna-se um processo que não termina, continuando mesmo depois que saímos do museu e carregamos conosco novas ideias e memórias.

De acordo com Celso Vitelli, os jovens se identificam mais com obras que abordam o cotidiano em seus temas, e quando estão diante de obras assim, a distancia entre a pessoa e a objeto diminui. “Para alguns adolescentes, a relação com a arte passou a ser vivida como um divertimento, uma recreação.” (VITELLI, 2005, p. 7). Precisamos prestar atenção ao que chama o olhar dos jovens, para que as práticas na mediação atendam esse público. Uma das maneiras de deixar isso acontecer, é permitir que o adolescente participe da mediação de forma ativa, apreciando no seu tempo e refletindo de acordo com suas percepções e bagagens.

Talvez a relação do olhar que o adolescente esteja dedicando à arte seja muito parecida com a relação que ele estabelece com a televisão, onde o seu olhar é guiado pelo recurso do zapping, passando por filmes, desenhos, noticiários, clips musicais — tudo isto acontecendo numa fração de segundos. Os videoclipes, tão assistidos pelas gerações desde os anos 80, trazem a linguagem de um ritmo frenético de combinações de imagens. (VITELLI, 2005, p. 7)

A experiência que se vive no museu, é sensível. De acordo com Jezulino Braga, “a experiência sensível é corpórea, pois é com o corpo que garantimos nossa presença no mundo. É pelo corpo que se dá a primeira aproximação com o acervo do museu.” (2018, p. 255). Já para Grinspum (2014, p. 275), “[...] quanto mais forem as vivências de se ver arte, [...] mais condições terá o visitante de desenvolver suas habilidades e aprender conteúdos por intermédio da apreciação estética.”

Os jovens que vivem em locais distantes de Museus e não possuem recursos para frequentá-los, devem receber apoio e estímulo das escolas. As próprias instituições museais também devem buscar recursos para que a visita desses jovens ao museu seja possível. Por isso, muitas instituições museais trabalham com a gratuidade para alunos das escolas públicas.

As diferentes maneiras de experienciar o museu para o jovem expressam-se principalmente na maneira com que o espaço acolhe este público, para além da mediação que o educativo trabalha com os visitantes e as ações que acontecem na instituição. Assim, são realizados também eventos periódicos como por exemplo, apresentação de grupos de teatro, grupos musicais, oficinas e eventos, dentre outras ações que dialogam com o museu e convidam o público jovem a participar da vida cultural.

Em uma das diretrizes do Plano Nacional Setorial de Museus 2010/2020, destaco a estratégia que diz respeito à educação e ação social que nos alerta para a necessidade de criar relações entre museu e comunidade,

Estratégia 02: articular a produção cultural da comunidade com os acervos instituídos, assegurando um diálogo fluido e permanente entre as instituições culturais, educacionais e a comunidade na qual eles se inserem. (IBRAM, 2010, p. 83)

Para que essa estratégia funcione, deve-se fazer um mapeamento do que acontece culturalmente na comunidade e saber quem produz essas manifestações. É preciso registrar tudo isso e criar eventos, situações que divulguem o que foi percebido através desse mapeamento (IBRAM, 2010). Lembrando que essas metas acontecem a longo prazo.

A comunidade, escola e família podem ser parceiras dos museus, são de grande importância para que os jovens tenham acesso a essas instituições e estímulo para frequentá-las (CHAGAS *et al*, 2010). A influência das famílias e do lugar onde vivem são fatores muito fortes na vida de um jovem, assim, todos os

estímulos que recebem são absorvidos de alguma maneira. Quando eles se sentem motivados e encorajados a frequentar os espaços culturais, ficam à vontade e sentem que aquele lugar também pertence a eles.

Uma vez inseridos no ambiente museológico, podem ser oferecidas aos jovens atividades que os aproximem ainda mais. As oficinas, podem formar um elo com o acervo:

Fazer o sujeito estabelecer conexões com procedimentos artísticos semelhantes aos que o artista utilizou na elaboração daquela obra, ou do conjunto de obras, é uma maneira de garantir a sua experiência de recriação e de ampliar as possibilidades de entendimento, de leitura e interpretação dos objetos. (COUTINHO, 2009, p. 179)

Criar uma relação entre as oficinas e o acervo, olhando para o público em questão, é desafiador, pois não estamos tratando de atividades totalmente soltas e desprovidas de ligação com espaço, tampouco de algo enfadonho. Precisamos estar atentos ao que eles desejam e planejar atividades que condizem com a idade dos visitantes e a proposta do museu.

### **3.2 A cultura jovem vai ao Museu**

A visita escolar é uma das principais maneiras de estimular a visitação dos jovens aos museus, principalmente quando agendam visitas mediadas. Essa experiência torna-se mais ampla quando além de levá-los ao Museu, as escolas propiciam conversas e outras experiências que abordam anteriormente o espaço para onde vão. Quando esse momento prévio acontece, os jovens chegam ao Museu com mais curiosidade e com o olhar voltado e atento para o que podem encontrar naquele lugar.

Alguns museus possuem projetos que trabalham nesse sentido de aproximação com as escolas. Um exemplo é o Museu de Artes e Ofícios, em Belo Horizonte, no qual atuo como mediadora. A instituição trabalha com o projeto “*Aula de Museu*”, no qual os educadores vão até algumas escolas antes que aconteça a visita dos alunos. Na “*Aula de Museu*”, os educadores da instituição, conversam com os estudantes e professores da escola sobre o que é um museu, o que vão encontrar por lá, contam sobre o acervo, o prédio onde se localiza e procuram

promover a valorização do patrimônio. Dessa forma, contribuem para que os estudantes conheçam e entendam um pouco mais sobre o espaço que vão conhecer. Esse projeto é oferecido para escolas públicas e particulares, sendo garantida a gratuidade nas escolas públicas.

O contato prévio com informações sobre o museu e com os educadores/mediadores faz com que ascenda uma curiosidade a mais nos jovens. Eles perguntam muitas coisas durante esse encontro e demonstram vontade de conhecer o espaço. Compreendem que a visita será mais do que um passeio escolar e quando chegam ao Museu mostram-se mais curiosos e familiarizados com o espaço.

Os adolescentes convivem com imagens diariamente, sendo a internet e as redes sociais espaços onde eles selecionam o que querem ver. De acordo com Rosana Fachel de Medeiros:

[...] as imagens e a cultura visual contemporânea participam da construção do que é ser jovem nos dias de hoje, sendo componentes fundamentais do modo como eles se comunicam e conferem sentido ao mundo e a si próprios. (MEDEIROS, 2016, p.511)

Além de fazer uma curadoria do que veem, os jovens produzem o seu próprio aparato de imagens a partir de elementos do cotidiano. De acordo com Medeiros, “[...] pensar os jovens como produtores de cultura visual é uma forma de dar a eles o poder de autoria e, ao mesmo tempo, valorizar as suas produções” (2016, p.512).

Pensando na presença do público jovem nos espaços museais, é possível observar que eles não vão ao Museu apenas para apreciar. Eles trazem a vontade de fazer parte do que estão vendo, pois, além de questionar, selecionam o que querem fotografar. Alguns publicam fotos nas redes sociais, outros querem apenas fazer um registro ou fotografar para mostrar a alguém. Existe uma relação de pertencimento com a imagem, pois fazem questão de registrar fotos que existem disponíveis na internet. Desejam produzir a própria imagem, a partir do seu olhar, que é único, por mais que existem semelhanças.

O trabalho do educativo no Museu com esse público deve levar em conta a autonomia e também saber criar novos caminhos e possibilidades para que descubram cada vez mais sobre o espaço e os objetos que estão inseridos nele.

Não podemos tratar os jovens apenas como seres receptivos, pois são sujeitos ativos na sociedade, possuem suas opiniões e desejos. Eles precisam ser escutados e perceber que acreditamos no que tem a dizer.

### **3.3 Afetos e Reflexões**

Cada pessoa que visita um Museu vai olhar e enxergar da sua própria maneira. Esses modos de olhar se diferenciam de acordo com as experiências, bagagens, histórias e memórias de cada um. A idade é um fator que deve ser observado, pois o olhar da criança, do adolescente, do adulto e do idoso carrega suas especificidades.

Ao destacar o olhar dos jovens, tratamos de uma perspectiva mais crítica, pois tendem a questionar sobre o que observam. Existe também a questão afetiva, que é muito particular de cada pessoa. Ao observar os adolescentes que visitam o Museu de Artes e Ofícios, em Belo Horizonte, percebo que ao apreciarem as obras, além de serem críticos também são tocados em suas memórias afetivas: recordam momentos de sua história, lembram-se de objetos que estiveram presentes em algum momento da vida, contam fatos sobre os avós, os pais e permeiam por um caminho no qual os afetos estão presentes.

Para Ramos (2004), os objetos que estão dentro de um Museu são uma forma de comunicação que ganha valor além do seu uso no cotidiano e esse valor é diferente para cada pessoa, pois os olhares são diferentes. Concordo com o autor, pois o ato de comunicar tem relação com o passado, com o presente ou até mesmo com o futuro, pois existem as reflexões. Quando olhamos e pensamos sobre objetos do passado, questionamos o seu lugar no agora e no depois.

Apreciar um objeto no Museu é ler uma imagem. De acordo com Ramos (2004), “Se aprendemos a ler palavras, é preciso exercitar o ato de ler objetos, de observar a história que há na materialidade das coisas” (p. 21). Voltamos, portanto, a pensar sobre a importância da Arte-Educação dentro dos espaços museais, pois quando falamos em um museu de história, por exemplo, a experiência pode tomar diferentes rumos e tornar-se mais ampla ao trabalharmos com a apreciação, fruição e reflexão. O autor ainda enfatiza que as práticas não sejam apenas um exercício, mas sim um momento dedicado à construção de conhecimento (RAMOS, 2004).

No Museu de Artes e Ofícios as questões afetivas constituem um aspecto forte em relação aos adolescentes que visitam o museu. Principalmente ao conhecerem o espaço dedicado aos ofícios da cozinha, transformação dos alimentos, fiação e tecelagem. Muitos adolescentes olham para os objetos e se identificam. Por mais que não tenham vivido aquela época, eles lembram dos avós, tios, das viagens que fizeram com a família ao interior para visitar parentes que nem sempre podem ver. Eles se transportam por memórias afetivas a partir do que enxergam no acervo.

Essas relações de afeto com o espaço museal tornam-se ainda mais fortes quando os mediadores escutam os adolescentes e tentam se aproximar do seu universo. Para que isso aconteça é preciso muita pesquisa e questionamento para tentar compreender o mundo do sujeito e como eles enxergam (TOURINHO, 2009). Essa tarefa não é fácil, pois estamos tratando de idades diferentes e talvez de diferentes gerações. Existem conflitos de ideias e pensamentos que não podemos ignorar, mas devemos fazer com que sejam interpretados e utilizados para gerar reflexões e novas ideias. A mediação é aliada, ao fazer com que essas relações de afetos e reflexões tornem o acervo mais familiar.

### Capítulo 3 - O Museu de Artes e Ofícios enquanto contexto de ensino de artes

O Museu de Artes e Ofícios (MAO) é um espaço que guarda objetos de trabalho que eram utilizados no século XVIII, XIX e XX – objetos do passado que se relacionam com o presente no seu sentido utilitário, transportando estórias e histórias na sua materialidade. A arte está presente em cada objeto, nas tramas e histórias de cada um deles. Assim, é preciso pensar em como trabalhar a arte-educação de maneira que ela ultrapasse a dimensão de apoio ao contexto histórico. De acordo com Tomasi (2019, p.19), “Não se trata de uma obra acabada, definitiva, mas de uma construção que se realiza na relação com o visitante com que estabelece cumplicidades mediadas por memórias e afetos”.

Muitos fatores fazem com que o MAO seja um museu popular, que recebe públicos das mais diferentes classes, lugares e idades. O museu está localizado no centro de Belo Horizonte, no meio de uma estação de metrô. Pelas vidraças das galerias vemos trabalhadoras e trabalhadores passando na cidade, pegando o trem, indo para diferentes destinos. O espaço recebe essas pessoas, que se sentem curiosas com o prédio e decidem entrar para saber do que se trata. Quando adentram as galerias do Museu, é visível o olhar de encantamento, reconhecimento e pertencimento. A maioria dos visitantes que chega por acaso, conta que não sabia o que encontraria. Ao descobrirem, é possível notar que no meio do caos da cidade, elas encontraram um lugar onde puderam dedicar-se a apreciação, viajar por suas memórias.

O museu é, portanto, ponto de encontro de diferentes campos de conhecimento e de profissionais, e de diferentes pontos de vista. É ponto de encontro de arte, técnica, ciência, política e ideologia expressos na ação humana, no gesto de cada trabalhador. (TOMASI, 2019, p. 21)

Os prédios onde se localiza hoje o Museu em Belo Horizonte, eram estações de trem construídas na década de vinte – Central do Brasil e Oeste de Minas; uma seguia viagem para outros estados, e a outra para o interior de Minas Gerais. Os novos moradores da capital chegavam por lá, era o começo de tudo. Porém, com as mudanças dos tempos, e a crescente utilização de outros meios de transporte, a estação foi desativada nos anos oitenta e o prédio abandonado.

A colecionadora Ângela Gutierrez, que há tempos dava continuidade a uma coleção iniciada pelo pai, viajou por muitos lugares do país, conhecendo histórias,

pessoas e objetos que contam uma história que nem sempre vemos nos livros – a história do povo brasileiro. Todos os objetos, até então guardados, deram origem ao Museu de Artes e Ofícios, que com a ajuda de muitas pessoas foi realizado entre 2001 e 2005, a partir da reforma e restauração dos antigos prédios das estações Central do Brasil e Oeste de Minas.

Inaugurado na noite de 14 de dezembro de 2005, o Museu de artes e Ofícios foi uma iniciativa que se constituiu numa grande aquisição para a cidade e para todos os que se dedicam a cultura, a técnica, a tecnologia, a ciência, a arte, a história, a educação e aos que se interessam pelo fazer humano. (TOMASI, 2019, pag 19)

O acervo do MAO, doado ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, nos transporta para inúmeros lugares, nos faz pensar de forma crítica e desperta sensações, memórias, afetos. Diante de tantos aspectos, é preciso que a mediação dentro deste espaço ultrapasse os monólogos e seja acima de tudo uma troca com escuta, fala e olhares entre os mediadores e visitantes. Por meio desta troca, os objetos criam vida e nos contam muito.

É importante refletir sobre o lugar dos objetos dentro de um Museu, e quando nos referimos ao MAO nos deparamos com ferramentas de trabalho, utensílios domésticos, dentre inúmeras peças que eram utilizadas para exercer diferentes ofícios, como os do transporte, comércio, mineração, madeira, cerâmica, ofícios da terra, couro, lapidação e ourivesaria, ofícios dos fios e tecidos e a conservação e transformação dos alimentos – esses são os principais tipos de ofícios representados, dentre tantos detalhes do MAO.



Figura 1: Conjunto de ferramentas, séc.XIX/XX.  
Fonte: arquivos pessoais.

A coleção do Museu de Arte e Ofícios nos remete diretamente a ideia da arte como experiência, citada por John Dewey.

Não precisamos viajar até os confins da Terra nem recuar milênios no tempo para encontrar povos para os quais tudo o que intensifica o sentimento imediato de vida é objeto de grande admiração. [...] Utensílios domésticos, móveis de tendas e de casas, tapetes, capachos, jarros, potes, arcos ou lanças eram feitos com um primor tão encantado que hoje os caçamos e lhes damos lugares de honra em nossos museus de arte. No entanto, em sua época e lugar essas coisas eram melhorias dos processos da vida cotidiana. (DEWEY, 2010, p. 64)

A arte como experiência é uma ideia na qual o lugar da arte vai além da nossa relação comum com a apreciação, relacionando-se com o cotidiano e a vida. É diferente da ideia de arte em que o objeto quase se sacraliza com tamanha distância entre si e as experiências cotidianas.



Figura 2: Moringa (detalhe).  
Fonte: arquivos pessoais



Figura 3: Tear, Séc XIX  
Fonte: arquivos pessoais

Um objeto comum como um garfo, pode ascender o nosso olhar, nos fazendo pensar nas questões de memórias e afetos. Sobre isso, Dewey nos aponta sobre “chegar à teoria da arte por meio de um desvio” (2010, pag. 60). Devemos olhar devagar, dar tempo e silêncio; assim, a visão se amplia. É sobre prestar atenção nos detalhes das coisas – imagens, objetos, sons, instantes, memórias – desde as mais simples até as que parecem mais complexas, e pensar sobre elas. Esse ato gera

novas questões sobre o mundo que nos rodeia e faz olhar para além das funções dos objetos, contemplando outros significados que passam sobre eles.

#### 4.1 O conceito de Arte no Museu de Artes e Ofícios

O acervo do MAO abriga objetos utilitários, em sua maioria; desde ferramentas antigas de carpintaria e marcenaria, até garfos, pratos, formas de bolo. São peças artísticas que dialogam com o artesanato e as habilidades manuais. Existem também peças como as carrancas, que eram colocadas na proa das canoas para espantar os maus espíritos e proteger a viagem do canoeiro.



Figura 4: Carranca (detalhe), séc. XX.  
Fonte: arquivos pessoais



Figura 5: Carranca, séc. XIX/XX.  
Fonte: arquivos pessoais

No sentido de proteção, os detalhes dos oratórios na *Sala da Proteção do Viajante*, contam para o visitante sobre como as pessoas que os esculpiram e pintaram acreditavam no poder do que faziam. Quando conversamos com os jovens sobre esses oratórios e relacionamos com o sincretismo religioso praticado no Brasil pelos povos africanos e afro-brasileiros, os mesmos levantam muitas questões, como por exemplo, a questão da resistência e luta desses povos. Alguns jovens, praticantes de religiões afro-brasileiras, contam sobre suas vivências e nos explicam conceitos e valores que eles acreditam. A partir de um simples objeto, muitas reflexões vêm à tona - podemos perceber o quanto a arte é importante para o desenvolvimento do olhar e do pensamento.



Figura 6. Oratório bala, séc XVIII/XIX (detalhe).  
Fonte: arquivos pessoais.

O acervo do MAO, por meio de sua materialidade, nos mostra mudanças que foram acontecendo no mundo do trabalho, como as descobertas de novas técnicas ou materiais que modificaram a maneira de praticar os ofícios. A materialidade deixa visível a marca do gesto das pessoas que construíram as peças, assim como suas subjetividades, traços e marcas. Nos séculos anteriores a industrialização do Brasil, o conceito de Arte era diferente quanto às qualificações e era considerado também pela habilidade. A criação dos objetos demonstrava a ligação entre os seres humanos e a natureza.

É possível perguntarmos sobre como um objeto comum e aparentemente simples, como por exemplo, um prato esmaltado com todos os seus detalhes e marcas do tempo, pôde encontrar o seu lugar permanente dentro de um museu. A resposta para essa questão, dentre várias, está dentro de cada pessoa, olhando para o objeto e identificando-se com ele de alguma maneira. Muitos se lembram da infância nas casas dos avós, ou dos pratos iguais a esse que ainda hoje utilizam. Alguns olham para a luxuosa torneira do século XIX logo ao lado do prato e se questionam como objetos tão opostos podem estar juntos. Quem utilizava a torneira ornamentada e provavelmente cara, e quem utilizava o prato esmaltado e levemente descascado pelos gestos de quem se alimentava com simplicidade – são perguntas que ficam e nos transportam no tempo e nas questões também sociais.



Figura 7: Torneira e Escorredor de Pratos, Séc. XIX/XX.  
Fonte: arquivos pessoais.

Na botica, representada no Museu como um tesouro guardado no tempo, inúmeros vidros antigos de remédios espalham-se pelas prateleiras, em diversas cores, formas e tamanhos. Alguns preservam restos do conteúdo que guardavam e nos letreiros de suas embalagens, enxergamos nomes que nunca havíamos visto e outros que nos parecem familiar. O design dessas letras é um detalhe a parte, feito com zelo, riqueza de detalhes e o sabor de um ofício que crescia, no seu tempo. Mais uma vez a imagem – o objeto artístico - nos remete a questões: quem eram os boticários que trabalhavam com aqueles vidros, e ainda, quem ensinou esse ofício para os mesmos. A conversa chega às receitas naturais dos avós, nos chás que curaram muitas doenças e na íntima relação que os povos indígenas e afro-

brasileiros possuem com a natureza, a tal ponto de terem transmitido tantos ensinamentos e práticas que curavam – e curam – as pessoas.



Figura 8: Botica  
Fonte: Arquivos pessoais

As mais de 2.500 peças do acervo guardam histórias, geram infindáveis questionamentos e lembranças. Referimos-nos a arte quando falamos desses objetos, por uma questão de deslocamento do olhar. No tempo em que essas peças foram construídas – Brasil pré-industrial – a questão da arte era relacionada, dentre outros fatores, com habilidade.

Hoje, as pessoas fazem arte de outras maneiras e o conceito é diferente, no entanto o lugar dos objetos guardados e preservados no Museu de Artes e Ofícios está inserido artisticamente: seja pela questão estética dos mesmos ou as reflexões e sensações que eles nos trazem. Vai, além disso, quando pensamos no tempo e cuidado que as pessoas exerciam ao fazerem cada um deles; esse tempo de criação, do fazer, do gesto, é também construção de conhecimentos, afetos e memórias.

#### **4.2 Relações entre o acervo e o público jovem**

Com foco em Museu de História, o Museu de Arte e Ofícios (MAO), realiza mediações entre acervo e público de diferentes maneiras, seja a partir da idade das pessoas, seus lugares de origem, o modo como vivem ou suas próprias experiências.

Ao trabalhar com o público jovem que frequenta o MAO, percebo olhares que antes de tudo desejam contar de onde vem. Durante as visitas mediadas com adolescentes e jovens, as conversas caminham sobre pontos críticos, com perguntas e questionamentos sobre o porquê dos acontecimentos que sucediam nas épocas em que aqueles objetos eram utilizados. Assim, os objetos trazem à tona fatos históricos, que consequentemente nos levam a pensar sobre as pessoas que estavam envolvidas naquele tempo. Os jovens relacionam esses acontecimentos com o que vivemos hoje.

Como exemplo de relação entre passado e presente, é possível pensar em objetos no acervo do MAO que trazem consigo reflexões acerca da cultura afro-brasileira. Os jovens apontam vivências do seu dia-a-dia, das músicas e danças que fazem parte de seu cotidiano. Ao conversarmos sobre a escravização dos negros que aconteceu por mais de trezentos anos na história do Brasil, um dos primeiros apontamentos dos jovens é a relação com o presente, eles falam sobre o racismo e sobre o que veem hoje.

Quando estamos diante de objetos que denunciam práticas desumanas de trabalho que aconteciam sem nenhuma preocupação com os trabalhadores envolvidos, os jovens também questionam e relacionam com práticas atuais. Como exemplo, no acervo do MAO, temos as bateias que eram utilizadas no garimpo e as lanternas na mineração. Eles pensam em relações entre o que mudou e o que continua igual, perguntam sobre as origens desses objetos e sobre como foram feitos. Pensam de forma crítica e se encantam com a materialidade.



Figura 9: Ofícios da mineração e garimpo.  
Fonte: arquivos pessoais

O Museu também abriga objetos que fazem com que muitos se lembrem das viagens ao interior, das coisas guardadas pelos avós e da semelhança desses objetos com os que utilizamos hoje. Eles prestam atenção nos detalhes. Alguns querem olhar para tudo ao mesmo tempo, e seguem outro ritmo dentro do Museu ao percorrermos também sozinhos e guardarem consigo suas reflexões.

O público jovem relaciona o acervo com momentos que viveram com os avós, contam sobre objetos que já viram na casa de algum parente e muitos dizem o quanto gostariam que outras pessoas da família também visitassem o espaço. É uma vontade que transmite o quanto eles reconheceram as histórias dos seus entes e ancestrais no acervo. Cada objeto artístico presente nas galerias é rico em detalhes que nos transportam para o passado: as pessoas que construíram aquelas peças, as que trabalharam com elas, contaram suas histórias através desses objetos, sem imaginar que um dia eles estariam dentro de um museu. São peças que foram fundamentais na vida de cada uma delas, e hoje, contam para os jovens sobre suas próprias histórias.

Por mais rápido que seja o tempo em que vivemos hoje, mesmo com a velocidade da internet e dos meios digitais, os jovens ainda conseguem parar e olhar para as coisas. Alguns mostram-se surpresos, porque antes daquele contato pensavam que o Museu era um lugar chato que apenas guardava coisas antigas. Mas após a experiência de visitar o museu, a maioria dos jovens apresentam muitas perguntas e percebem que a experiência que tiveram com aqueles objetos trouxe muitas reflexões. Além do que, eles se identificam com o acervo, que se conecta com a memória de seus ancestrais.

De acordo com Figueiredo (2007, p.46), “[...] a exposição é entendida como uma mediação entre o acervo e o público. [...] essa comunicação deve ser rica e produzir dúvidas, problemas, ideias, entretenimento, espanto e assim por diante”. A autora ainda dialoga sobre a importância do trabalho dos setores educativo dos museus, que devem se planejar e trabalhar para que as experiências dos visitantes sejam ricas.

A visita ao museu deve ser rica em experiências. Muitas dessas experiências têm um tempo de duração peculiar. Podem ser resgatadas na memória semanas, meses e anos depois de uma visita, ao nos depararmos com outras experiências. Outras ficam vivas, acompanhando-nos no dia-a-dia, entram nas salas de aula, transformam-se em assunto com os colegas, invadem as casas das

famílias. [...] Muitas das experiências são registradas nos desenhos, nos textos e nos sonhos. (FIGUEIREDO, 2007, p.47)

Os museus existem enquanto há público, seus objetivos vão além do que guardar uma coleção de objetos. É preciso que ele seja visto, apreciado, lembrado. Esses espaços precisam gerar experiências e vivências que estreitem os laços com a população – não apenas a elite, mas com todas as classes, para que se sintam acolhidas, e queiram não apenas visitar, mas frequentar os museus.

As diversas instituições museológicas na atualidade debatem a importância de sua comunicação com o público, pois sabem que a sociedade é a peça chave para os museus, agentes que lhe dão sentido e vigor enquanto espaço de trocas e aprendizados. (CHAGAS, 2010, pag. 52)

Podemos pensar o acervo do MAO como algo que permanecerá na memória dos jovens, contribuindo com a construção de suas histórias. Não sabemos quantas possibilidades existem, quantas maneiras nas quais essas contribuições acontecem, mas sabemos que a partir do momento em que criamos formas de enriquecer essa experiência e a colocamos em prática, conseguimos ter maior entendimento sobre as diferentes reações que as pessoas experimentam no Museu.

### **4.3 A Arte-Educação em um Museu de História**

A arte-educação em um museu de história deve ser diferente de um museu de arte, como dito por Ramos (2004), mas elas se igualam principalmente no sentido de fazer com que a visita ao museu seja uma experiência. A arte-educação possibilita adentrarmos também pela experiência estética, onde a imagem extrapola o sentido da visão e começamos a pensar sobre ela.

Ramos (2004) aborda a questão da arte-educação no ensino de história, como maneira de utilizar a arte para estudar historicidade. Contudo, devemos pensar o ensino e aprendizagem em arte além desse sentido; mais do que contemplar o estudo da historicidade dos objetos, adentrar os estudos da arte pode nos aproximar dos objetos de maneira diferente, englobando também a estética e materialidade, porque o estudo por meio da arte, também constrói conhecimentos. Dentre vários significados, a arte é uma linguagem sensível, modo próprio de comunicar – essa

comunicação gera sensações, críticas, reflexões, encantamentos – ultrapassa a ideia de ser um auxílio para o ensino em outras áreas.

A arte-educação pode trabalhar justamente nesse lugar de ampliação do olhar, por meio de práticas que aproximam o visitante do acervo e vice-versa. Isso inclui a maneira como os mediadores abordam o acervo, no que se refere à fruição, reflexão e produção.

[...] o museu histórico pressupõe que o ato de expor é um exercício poético a partir de objetos e com objetos – construção de conhecimentos que assume sua especificidade. Como lugar de produção do saber, o museu não pode ser confundido com centros de pesquisa ou de aulas, embora faça pesquisa e de aulas, nem com instituições de recreação, embora assuma um caráter lúdico. A peculiaridade do museu se realiza plenamente em múltiplas interações: com tramas estéticas e cognitivas, em análises e deslumbramentos, na dimensão lúdica e onírica dos fundamentos historicamente engendrados que constituem o espaço expositivo. (RAMOS, 2004, p.29)

O trabalho com arte-educação no Museu de Artes e Ofícios está em constante construção e transformação. Com o público jovem, busca-se envolver práticas que abordam o contexto do Museu, porém a intenção é que esses indivíduos possam colocar em prática suas impressões. Ademais, existem oficinas que não tratam do acervo, mas trabalham a importância de olhar para o patrimônio da cidade, por exemplo.

Geralmente as oficinas acontecem após as visitas mediadas, quando os visitantes já percorreram o espaço do museu e apreciaram as peças. Isso é importante, pois chegam para fazer a oficina com novo olhar, talvez um pouco diferente do que tinham antes da visita, ao apreciarem detalhes do acervo, dos prédios e do contexto histórico que envolve tudo isso. Esse conjunto de aspectos é importante para trabalharmos a percepção estética e expressão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contato com a Arte nos afeta com impressões, sensações, desperta nossa reflexão e senso crítico, assim como outros aspectos. Trata-se de uma linguagem construtora de conhecimentos. Os museus são espaços nos quais podemos ter contato com essa linguagem e ainda contar com o trabalho dos mediadores, profissionais que com o objetivo de contribuir na geração de perguntas e reflexões, fazem uma ponte entre o acervo e visitantes.

As peças do Museu de Artes e Ofícios são objetos que eram – e muitas ainda são – utilizadas no mundo do trabalho para exercer os mais diferentes ofícios. O que as torna únicas e especiais, é o fato de trazerem junto de si, a marca dos trabalhadores, pessoas comuns que construíram e utilizaram cada uma delas. Em todas as peças, os detalhes nos contam o quão importante era o tratamento com as habilidades manuais. As pessoas não faziam os objetos apenas para o suprimento das necessidades, trabalhavam também com a estética. É visível o zelo e atenção com que cada uma das peças foi criada. O gesto e o fazer conduzem a pensamentos e conhecimentos; o fazer artístico é permeado de sensibilidades. No Museu de Artes e Ofícios, os jovens contam lembranças que tiveram ao entrar em contato com o acervo. Lembram-se das ferramentas de trabalho dos avós, dos objetos que encontram em suas viagens ao interior, e das memórias que os pais contam para eles, sobre a vida que tiveram em algum lugar do país, exercendo os seus ofícios. Essa identificação com o Museu é humanizadora, pois afeta diretamente a sensibilidade dos visitantes.

Os diversos públicos frequentadores dos espaços museológicos carregam bagagens de conhecimentos, histórias e memórias e ao terem contato com o acervo do museu, as impressões são relacionadas ao contexto de suas vidas.

A mediação museológica é um ofício responsável por auxiliar a relação entre acervo e visitantes. O que se aborda vai além da imagem das obras, contemplando o contexto artístico, histórico e social. Através da arte-educação, a mediação trabalha com a estética, no sentido de apreciar e refletir sobre as imagens, podendo produzir trabalhos artísticos que se relacionam com as experiências suscitadas na mediação. Com o público jovem, esse trabalho é desafiador, pois devemos pesquisar meios que conversam com a realidade na qual vivem e as maneiras que possuem de apreciar arte.

Devemos levar em conta que o ensino de arte não deve ser apenas um auxílio para a história, mas sim uma área de conhecimento independente. Isso pode significar que a arte-educação nos museus de história, é conduzida pelo olhar artístico, caminhando por uma abordagem baseada na proposta Triangular sistematizada por Ana Mae Barbosa, na qual se trabalha com a apreciação, fruição e produção. Observar como o público jovem reage à apreciação dos objetos se torna um estímulo para que os educadores/mediadores trabalhem de maneira que contribua para uma experiência enriquecedora, contribuindo na formação histórico-social de sujeitos críticos e sensibilizados. Assim, os educadores/mediadores museológicos podem criar suas próprias metodologias e abordagens.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (Org.). **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.
- BRAGA, Jezulino Lúcio Mendes. **Subjetividades e construção de sentidos na experiência de uso educativo do Museu de Artes e Ofícios**. *Métis: história & cultura*, Caxias do Sul, v. 17, n. 34, p.253-270, jan./jun. 2018. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis>>. Acesso em: 02 nov. 2019.
- BRASIL, Ministério da Cultura; **Plano nacional setorial de museus**. Brasília, DF: MinC/Ibram, 2010. 135 p.
- CHAGAS, Mário de Souza et al. Museus e Público Jovem: percepções e receptividades. *Museologia e Patrimônio*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p.49-66, jun. 2010. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/94>>. Acesso em: 03 jan. 2020.
- DEWEY, John. **Arte como experiência**. Vera Ribeiro, Trad. Coleção Todas as Artes.). São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- GRINSPUM, Denise. **Mediação em museus e em exposições: espaços de aprendizagem sobre arte e seu sistema**. *Revista Gearte*, [s.l.], v. 1, n. 3, p.272-283, 30 dez. 2014. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://dx.doi.org/10.22456/2357-9854.52606>. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/gearte/article/view/52606>>. Acesso em: 20 dez. 2019.
- LOUREIRO, H. M. M; FIGUEIREDO, Betania Golçalves; **Seminário de Ação Educativa: Cultura e educação: parceria que faz história**. Edição. Belo Horizonte: Edições; Instituto Cultural Flávio Gutierrez / MAO, 2007. 180 p: il.
- MEDEIROS, Rosana Fachel de. **Os jovens como produtores de cultura visual: visualidades contemporâneas**. Anpap: Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, Porto Alegre, Rs, p.505-514, set. 2016. UFRGS. CD-ROM.
- INSTITUTO CULTURAL J. SAFRA (Ed.). **O Museu de Artes e Ofícios**. São Paulo: Instituto Cultural J. Safra, 2019. 335 p.
- OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1983. 186 p.
- RAMOS, F. R. L; **A danação do objeto: o museu no ensino de história**. 2. ed. Chapecó: Argos, 2004. p. 19-36.
- ROCHA, Júlia . **O Papel Social dos Museus e a Mediação Cultural: Conceitos de Vygotsky na Arte-Educação Não-Formal**. Palíndromo, Itacorubi - Florianópolis - Sc,

v. 4, n. 7, p.81-108, 2012. Disponível em:  
<<http://www.revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/3341>>. Acesso em:  
14 dez. 2019.

SILVA, Ursula Rosa da. **Sociomuseologia, Mediação e Formação em Artes**. Seminário Nacional de Arte e Educação, Montenegro, n. 23, p.02-11, 2012. Disponível em:  
<<http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/article/view/36/124>>. Acesso em:  
dez. 2019.

VITELLI, Celso. **Adolescência e arte: estética e práticas culturais**. Aprender - Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação, [S.l.], n. 4, set. 2018. ISSN 2359-246X. Disponível em:  
<<http://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/view/3080>>. Acesso em: dez. 2019.

## ANEXO

## 7.1 Autorização para o uso do nome da instituição

## AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

03 773 834/0124-87  
 I.M.: 0.403.045/045-7  
 \*SESI BH MUSEU DE ARTES E OFÍCIOS  
 Praça Rui Barbosa, 600  
 Bairro Centro - CEP 30160-000  
 BELO HORIZONTE - MG

Em nome do SESI Museu de Artes e Ofícios, situado à Praça Rui Barbosa, 600 - Centro, Belo Horizonte - MG, 30160-000, autorizamos Thais Martins Costa (RG MG18259621 e CPF 11907846611) a utilizar o nome da Instituição em sua monografia de Trabalho de Conclusão Curso.

Thais Martins Costa se compromete a não autorizar para terceiros a utilização do nome da Instituição deste contrato, bem como a utilizá-lo exclusivamente em trabalhos acadêmicos, declarando os devidos créditos.

Thais Martins Costa se compromete, ainda, a usar o nome da Instituição de forma a não ferir sua reputação.

Belo Horizonte, 04 de fevereiro de 2020.

Gabata  
 Gabriela Araujo Batista  
 Supervisora técnica  
 Museu de Artes e Ofícios

Gabriela Araújo Batista  
 Supervisora Técnica  
 SESI BH Museu de Artes e Ofícios

De acordo

Thais Martins Costa  
 Thais Martins Costa

## 7.2 Autorização para o uso de imagem

### AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

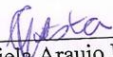
03 773 834/0124-87  
 I.M.: 0.403.045/045-7  
 SESI BH MUSEU DE ARTES E OFÍCIOS  
 Praça Rui Barbosa, 600  
 Bairro Centro - CEP 30160-000  
 BELO HORIZONTE - MG

Em nome do SESI Museu de Artes e Ofícios, situado à Praça Rui Barbosa, 600 - Centro, Belo Horizonte - MG, 30160-000, autorizamos Thais Martins Costa (RG MG18259621 e CPF 11907846611) a utilizar as imagens das instalações do prédio da instituição, em sua monografia de Trabalho de Conclusão Curso.

Thais Martins Costa se compromete a não autorizar para terceiros a utilização da imagem deste contrato, bem como a utilizá-las exclusivamente em trabalhos acadêmicos, declarando os devidos créditos.

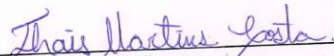
Thais Martins Costa se compromete, ainda, a usar as imagens de forma a não denegrir a imagem da instituição.

Belo Horizonte, 04 de fevereiro de 2020.

  
 \_\_\_\_\_  
 Gabriela Araujo Batista  
 Supervisora técnica  
 Museu de Artes e Ofícios

Gabriela Araújo Batista  
 Supervisora Técnica  
 SESI BH Museu de Arte

De acordo

  
 \_\_\_\_\_  
 Thais Martins Costa